

A CRISE ECOLÓGICA E SUA RAIZ HUMANA SEGUNDO O MAGISTÉRIO PAPAL RECENTE: UMA ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO VI A FRANCISCO

THE ECOLOGICAL CRISIS AND ITS HUMAN ROOT ACCORDING TO THE RECENT PAPAL MAGISTRY: AN ANALYSIS OF THE CONTRIBUTIONS FROM PAULO VI TO FRANCISCO

*Thadeu Lopes Marques de Oliveira**

Resumo

O objetivo principal desse artigo é argumentar em favor de que o ponto de partida e a fundamentação das reflexões do magistério papal recente sobre o problema ecológico é a crise antropológica. Essa manifesta-se no campo ético-moral. Para tanto, essa pesquisa selecionou as principais contribuições de Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e Francisco, e as analisou, buscando nesse percurso apresentar a originalidade de cada Papa e como a reflexão foi aprofundando em cada pontificado. Dessa maneira, é possível observar que o magistério papal recente da Igreja Católica é sensível à questão e tem contribuído para a resolução do problema, contribuindo com elementos para a reflexão e debate. Esse fato também mostra que a Igreja está aberta ao diálogo com a sociedade, busca contribuir para o seu desenvolvimento, no cuidado com o ser humano e o planeta.

Palavras-chave:

Antropologia; Ecologia;
Ética; Magistério recente;
Moral.

Abstract

The main objective of this article is to argue in favor that the starting point and the basis for the reflections of the recent papal magisterium on the ecological problem is the anthropological crisis. This is manifested in the ethical-moral field. To this end, this research selected the main contributions of Paul VI, John Paul II, Benedict XVI and Francisco, and analyzed them, seeking in this way to present the originality of each pope and how the reflection was deepened in each pontificate. In this way, it is possible to observe that the recent papal teaching of the Catholic Church is sensitive to the issue and has contributed to the resolution of the problem, contributing elements for reflection and debate. This fact also shows that the Church is open to dialogue with society, seeking to contribute to its development, in caring for human beings and the planet.

Keywords:

Anthropology;
Ecology; Ethic; Moral;
Recent teaching.

*Mestre e doutorando em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro RJ. Contato thadeufiloteo@gmail.com

Recebido em
10/04/2020
Aprovado em
18/08/2020



INTRODUÇÃO

Jean Ladrière afirmou que a atual crise ecológica lança suas raízes, indiscutivelmente, na modernidade filosófica, que alterou qualitativamente a compreensão do homem acerca de si mesmo e de suas relações com a natureza (LADRIÈRE, 2008, p. 21-36). O homem passou a compreender-se como o responsável pela dominação heroica da natureza (vista como inimiga temível), explorando-a de forma ilimitada em favor do seu desenvolvimento. Por meio dos recursos oferecidos pelo avanço técnico-científico, o meio ambiente passou a ser explorado agressivamente. O mesmo filósofo entende que, a atual crise ecológica revela um problema intrinsecamente ligado a moral e a ética humana (LADRIÈRE, 1945, p. 41-64). As expectativas positivas prometidas pela ciência moderna estão sendo postas cada vez mais em discussão. As esperanças iniciais transmutaram-se em desilusão, e o problema ético-moral é cada vez mais evidente para os que refletem essa temática (LADRIÈRE, 1945, p. 65-80).

Alfonso Garcia Rúbio em seu livro *Unidade na Pluralidade*, publicado pela primeira vez na década de noventa, do século XX, afirmou que a crise ecológica tem como uma das principais causas a ação do ser humano – corrompido moral e eticamente – sobre a natureza. Esse teólogo afirma que tal realidade aponta para a arrogância mortal, presente no interior humano. Soberba desumana, que se revela mais claramente com o advento dos tempos modernos, marcados pelo paradigma técnico-científico (RÚBIO, 2001, p. 539-542).

Os problemas ecológicos estão interligados, eles oferecem uma sintomatologia que aponta para um mal profundo, situado no próprio homem. Propriamente falando, não é a natureza que está doente, mas o ser humano. Ou melhor, a natureza adoeceu, por causa do homem, como resultado da grave doença que afeta o homem. Este mal é o que deve ser detectado, analisado e enfrentado com todo o rigor (RÚBIO, 2001, p. 539).

Ao verificar como a Igreja Católica tem respondido e se posicionado frente à essas questões, foram encontradas no magistério papal recente, contribuições valiosas à reflexão da crise ecológica atual, que convergem para as conclusões do filósofo e teólogo já citados; o ser humano como causa principal. Utiliza-se a expressão ‘magistério papal recente’ tendo como referência os pontificados que se iniciaram no Vaticano II até os dias atuais. O critério para

tal nomenclatura é o fato de que os conteúdos vindos à lume por ocasião desse concílio foram inovadores e continuam sendo até mesmo para o contexto atual. Além disso, a Igreja Católica tem buscado constantemente, pôr em prática as suas diretivas. Sabe-se que o magistério eclesiástico não se resume apenas ao bispo de Roma (*Lumen Gentium* 24 e 25), mas, como disse Yves Congar, a partir de meados do século XX, é comum, em suas encíclicas e demais pronunciamentos, os Papas expressarem, geralmente, uma opinião já consensual no episcopado (CONGAR, 1997, p. 345-346).

Um detalhe que chama a atenção, nas encíclicas *Caritas in Veritate* e *Laudato Si'*, é: já de início, Bento XVI e Francisco explicitaram que suas contribuições ao tema não são inéditas. Elas dão continuidade à reflexão de um tema que amadurece paulatinamente nos pronunciamentos e documentos do magistério.

Na introdução da *Laudato Si'*, Francisco afirmou que Paulo VI e João Paulo II abordaram a questão ecológica, respondendo às questões pontuais ligadas à ela. Ele entende que tais posturas demonstram o crescente interesse e conscientização do magistério e da Igreja, em sua responsabilidade para com o planeta. Além disso, encontra nessa questão, uma oportunidade para o diálogo com a sociedade, apresentando-a o que a fé cristã – sob a perspectiva católica – tem a dizer. Francisco não deixa de lembrar as contribuições de Bento XVI, deixando entrever que, o seu predecessor se dedicou significativamente ao tema, representando um desenvolvimento expressivo dessa reflexão na Igreja Católica. Nessa introdução, é possível observar, como o pontífice lembra que, seus predecessores evidenciaram sempre a causa humana da crise ecológica. Isso se torna mais claro nas citações feitas por Francisco no capítulo terceiro da *Laudato Si'* (A raiz humana da crise ecológica). A maior parte das citações são das contribuições de Bento XVI, João Paulo II e Paulo VI (*Laudato Si'* 101-136).

Na introdução da *Caritas in Veritate*, Bento XVI não faz diferente, reconhecendo que a sua contribuição é uma continuidade das reflexões dos que lhe precederam. Cita as contribuições de João XXIII, Paulo VI e João Paulo II. Assim como Francisco, salienta que os Papas anteriores eram sensíveis às causas humanas da crise ecológica (*Caritas in Veritate* 1-9). Esse dado é mais evidente nos parágrafos, onde, na encíclica, Bento XVI aborda exclusivamente a questão ecológica relativa ao desenvolvimento humano; lá as citações de João Paulo II

são as mais abundantes, seguidas pelas de Paulo VI (*Caritas in Veritate* 48-52).

Talvez outros pontificados tenham dado atenção à questão ecológica. Contribuindo para o tema de forma indireta. A *Gaudium et Spes* em seus parágrafos 37, 64, 69 e 70 apontou de forma seminal para essa questão, refletindo acerca dos bens comuns e da exploração da terra, que em meados do século XX começava a fazer parte das pautas. João XXIII abordou o problema do desenvolvimento humano, afirmando que a ação do homem sobre a terra, quando inspirada pela caridade, contribui para o bem (*Pacem in Terris* 53-59). Dessa afirmação pode-se concluir que, para o pontífice, se o homem age gananciosamente e de forma egoísta sobre a natureza ele contribui para a destruição. Esses dados impulsionaram a reflexão e a pesquisa apresentadas nesse artigo, portanto a sua estrutura segue a ordem dos pontificados de Paulo VI, passando por João Paulo II e Bento XVI, até chegar em Francisco, analisando as principais contribuições dos últimos pontífices a respeito do tema. Em suas contribuições, esses quatro são o que (encíclicas, discursos, pronunciamentos etc...) explicitaram de forma mais clara as raízes humanas da crise ecológica.

1. PAULO VI.

UMA REFLEXÃO NASCENTE

Paulo VI já era sensível ao problema ecológico, apesar de não ter desenvolvido o tema de maneira mais aprofundada, ou ter lhe dedicado uma contribuição exclusiva – como o fez no futuro Papa Francisco –, mas nessa questão é pioneiro em muitos sentidos. Papa Francisco salienta tal fato ao introduzir a encíclica *Laudato si'* (*Laudato Si'* 4). Na encíclica *Octagesima Adveniens*, o pontífice faz uma afirmação mostrando consciência da raiz humana do problema ecológico:

À medida que o horizonte do homem assim se modifica, a partir das imagens que se selecionam para ele, uma outra transformação começa a fazer-se sentir, consequência tão dramática quanto inesperada da atividade humana. De um momento para outro, o homem toma consciência dela: por motivo da exploração inconsiderada da natureza, começa a correr o risco de destruí-la e de vir a ser, também ele, vítima dessa degradação. Não só o ambiente material se torna uma ameaça permanente, poluições e lixo, novas doenças, poder destruidor absoluto; é mesmo o quadro humano que o homem não consegue dominar, criando assim, para o dia de amanhã, um ambiente global, que poderá tornar-se insuportável.

Problema social de envergadura, este, que diz respeito à inteira família humana. O cristão deve voltar-se para estas perspectivas novas, para assumir a responsabilidade, juntamente com os outros homens, por um destino, na realidade, já comum. (*Octagesima Adveniens* 21).

No início da citação o Papa deixa nas entrelinhas que tal processo de crise iniciou-se com a mudança na autocompreensão do que é o ser humano, o que está de acordo com as afirmações de Jean Ladrière Alfonso G. Rúbio. Em um discurso no ano de 1970 Paulo VI reafirma a convicção central contida na citação anterior. Porém, relaciona tal fato com a técnica.

Mas, a um ritmo acelerado, a realização concreta destas possibilidades técnicas não se verifica sem causar nocivas repercussões no equilíbrio do nosso ambiente natural, e a deterioração progressiva daquilo que convencionalmente se chama meio ambiente, sob o efeito dos contragolpes da civilização industrial, corre o risco de acabar numa verdadeira catástrofe ecológica. Já vemos que o ar que respiramos se torna viciado, a água que bebemos poluída, as praias contaminadas, os lagos e até os oceanos, ao ponto de nos fazer temer uma verdadeira morte biológica, num futuro não distante, se não forem tomadas corajosamente e severamente aplicadas, sem demora, enérgicas medidas. É uma perspectiva terrível, que deveis considerar com cuidado, a fim de se evitar a aniquilação do fruto de milhões de anos de seleção natural e humana. Numa palavra, tudo está unido intimamente, sendo, portanto, necessário prestar atenção às consequências de longo alcance, que as intervenções humanas introduzem no equilíbrio da natureza, que foi posta, com a sua harmoniosa riqueza, à disposição do homem, segundo o desígnio amoroso do Criador (PAULO VI, 1970).

Nas duas citações de Paulo VI fica evidente que para ele as ações humanas tem impacto direto no meio ambiente. A principal causa da crise ecológica é a ação humana. Porém o pontífice não se aprofunda nas questões antropológicas que subjazem a tal interferência humana sobre a natureza. É possível observar que abre perspectivas para compreensão cada vez maior das ligações entre o ser humano e o planeta.

Paulo VI reafirma o conteúdo das citações em sua mensagem de 1972 à conferência da ONU. Afirma: “de fato, há maior consciência de que o homem e o ambiente em que ele vive são mais do que nunca inseparáveis” (PAULO VI, 1972). Para o Papa deve-se “respeitar as leis que regulam o impulso vital e a capacidade de regeneração da natureza; ambos, portanto, são solidários e

compartilham um futuro temporal comum” (PAULO VI, 1972). Dependendo do modo como agirmos com a natureza, serão “os fatores de interdependência, para o melhor ou para o pior, para a esperança de salvação ou para o risco do desastre” (PAULO VI, 1972). O Papa se pergunta:

Mas como se hão de ignorar os desequilíbrios provocados na biosfera, devidos à exploração desordenada das reservas físicas do planeta, até com o propósito de produzir os bens úteis, como, por exemplo, o desperdício dos recursos naturais não renováveis, a poluição do solo, da água, do ar e do espaço, com os consequentes atentados contra a vida vegetal e animal? (PAULO VI, 1972).

Para o Papa a técnica pode ser usada para minorar os males já causados ao ambiente. “Mas todas as medidas técnicas serão ineficazes se não forem acompanhadas por uma tomada de consciência da necessidade de uma transformação radical de mentalidades” (PAULO VI, 1972). Paulo VI encontra em São Francisco de Assis o modelo para nossa relação com a natureza: “Como poderíamos deixar de evocar aqui o exemplo imorredouro de São Francisco de Assis e deixar de mencionar as grandes ordens contemplativas cristãs, que oferecem o testemunho de uma harmonia interior, obtida no âmbito de uma comunhão confiante nos ritmos e nas leis da natureza?” (PAULO VI, 1972). Francisco retomará o exemplo desse santo em sua encíclica.

Referindo-se a carta de Paulo a Timóteo: “Toda criatura de Deus é boa” (cf. 1Tm 4,4), o Papa diz: “Governar a natureza significa, para a raça humana, não destruí-la, mas aperfeiçoá-la; não transformar o mundo num caos inabitável, mas numa bonita casa, ordenada no respeito por todas as coisas” (PAULO VI, 1972). É possível observar que Paulo VI busca aplicar a teologia da criação às questões antropológicas ligadas à crise ecológica. Mas para isso, reinterpreta as apropriações errôneas dessas teologias, que, como afirma A. G. Rúbio, são sistematizações equivocadas dos primeiros capítulos do livro de Genesis (RÚBIO, 2001, p. 542-550). Dessa forma o Papa contribui para a abertura de perspectivas para novas abordagens da teologia da criação cristã. Convidando os teólogos à novas abordagens.

Paulo VI afirmou que os problemas ecológicos afetam de forma direta os pobres “desde os econômicos e sociais aos da ecologia, passando pelos das fontes de energia, da libertação dos oprimidos e da elevação de todos a uma maior dignidade de vida” (PAULO VI, 1974).

2. JOÃO PAULO II.

POR UMA MORAL ECOLÓGICA

Francisco afirmou que João Paulo II com interesse casa vez mais crescente debruçou-se sobre o problema ecológico (*Laudato Si’* 5). Seu ponto de partida para a reflexão ecológica, era a ação humana, porém deu passos maiores no aprofundamento da questão, relacionando a explicitamente à questões antropológicas, como a ética e a moral. Em sua encíclica *Centesimus annus* João Paulo II afirma:

Igualmente preocupante, ao lado do problema do consumismo, e com ele estritamente ligada, é a questão ecológica. O homem, tomado mais pelo desejo do ter e do prazer, do que pelo de ser e de crescer, consome de maneira excessiva e desordenada os recursos da terra e da sua própria vida. Na raiz da destruição insensata do ambiente natural, há um erro antropológico, infelizmente muito espalhado no nosso tempo (*Centesimus Annus* 37).

Em seu discurso por ocasião da celebração do 23º ano do Dia Mundial da paz, João Paulo II afirmou que o homem contemporâneo tem se tornado cada vez mais consciente de que a paz mundial está ameaçada, não apenas por conflitos bélicos, mas também pelo crescente desrespeito à natureza. Visando uma melhor qualidade de vida, as autoridades estão em busca do que o Papa nomeou de “consciência ecológica”. Essa deve amadurecer ao ponto de resultar em atitudes concretas no relacionamento da humanidade e meio ambiente. Para João Paulo II, a questão ético-humana está no centro dessa questão (JOÃO PAULO II, 1990, 1-2).

Não poucos valores éticos, de importância fundamental para o progresso de uma *sociedade pacífica*, têm uma relação direta com a questão do ambiente. A interdependência dos muitos desafios, que o mundo de hoje tem de enfrentar, confirma a exigência de soluções coordenadas e baseadas numa coerente visão moral do mundo (JOÃO PAULO II, 1990, 2).

A citação acima mostra que para o Papa a questão é fundamentalmente moral. Nesse discurso ele reitera inúmeras vezes tal fato. Para ele a fé cristã tem elementos fundamentais para contribuir nessa questão. O Papa convida aos que não compartilham a fé cristã, encontrar em suas análises dados comuns para a reflexão do problema que é de todos. Partindo da teologia da criação,

mostra como na Bíblia a alienação do homem de si próprio e de Deus, reflete de forma direta em seu relacionamento com a sociedade e a natureza. João Paulo II afirma que no esquivar-se humano do seu estatuto de criatura, o qual implica diretamente o zelo e cuidado da criação, as consequências podem ser catastróficas (JOÃO PAULO II, 1990, 3-5).

Parece que estamos cada vez mais cômnicos de que a exploração da terra, do planeta em que vivemos, exige um planejamento racional e honesto. Ao mesmo tempo, tal exploração para fins não somente industriais, mas também militares, o desenvolvimento da técnica não controlado nem enquadrado num plano com perspectivas universais e autenticamente humanístico, trazem muitas vezes consigo a ameaça para o ambiente natural do homem, alienam-no nas suas relações com a natureza e apartam-no dela. E o homem parece muitas vezes não se dar conta de outros significados do seu ambiente natural, para além daqueles somente que servem para os fins de um uso ou consumo imediatos. Quando, ao contrário, era vontade do Criador que o homem se comunicasse com a natureza como guarda inteligente e nobre, e não como um destruidor sem respeito algum (*Redemptor hominis* 15).

Não se trata apenas, para o pontífice de medidas administrativas, mas:

É evidente que uma solução adequada não pode consistir simplesmente numa melhor gestão, ou num uso menos irracional dos recursos da terra. Muito embora se reconheça a utilidade prática de semelhantes providências, parece ser necessário examinar a fundo e enfrentar no seu conjunto a grave crise moral da qual a degradação do ambiente é um dos aspectos preocupantes (JOÃO PAULO II, 1990, 5).

O mau uso das novas descobertas científicas e técnicas sobre o meio ambiente, para João Paulo II, é um ponto de partida para reflexão do problema moral e humano da crise ecológica. No novo sistema econômico, o valor maior está na produção, em detrimento da vida humana. O ser humano inflige sobre seu semelhante, jornadas e condições de trabalhos desumanas. A produção está acima do bem humano, comunidades inteiras são sacrificadas em nome da produção. Não apenas os seres humanos, para João Paulo II o homem deve respeitar e zelar por todos os seres vivos. Disso depende seu aperfeiçoamento moral (*Sollicitudo rei socialis* 34). João Paulo II afirma que a “dimensão dramática do desajuste ecológico nos ensina o quanto a cobiça e o egoísmo, individuais ou coletivos, são contrários à ordem do universo, no qual está inscrita também

a interdependência recíproca” (JOÃO PAULO II, 1990, 6-7).

A sociedade hodierna não encontrará solução para o problema ecológico, se não revir seriamente o seu estilo de vida. Em muitas partes do mundo, ela mostra-se propensa ao hedonismo e ao consumismo e permanece indiferente aos danos que deles derivam. Como já observei, a gravidade da situação ecológica revela quanto é profunda a crise moral do homem. Se faltar o sentido do valor da pessoa e da vida humana, dá-se o desinteresse pelos outros e pela terra. [...] Há uma necessidade urgente, pois, de *educação para a responsabilidade ecológica*: responsabilidade em relação a si próprio, responsabilidade em relação aos outros e responsabilidade em relação ao ambiente. E trata-se de uma educação que não pode basear-se simplesmente no sentimento ou sobre uma mal definida veledade. O seu fim não pode ser ideológico nem político e a maneira de a estruturar não pode apoiar-se na rejeição do mundo moderno, nem num vago desejo de retornar ao paraíso perdido. A educação autêntica para a responsabilidade implica uma verdadeira conversão na maneira de pensar e no comportamento (JOÃO PAULO II, 1990, 13).

A crise ecológica torna bastante óbvia para João Paulo II a necessidade de uma nova solidariedade moral. Para ele, toda a comunidade humana (nações e estados) é responsável. Frutos do ódio e da ganância humana, as guerras foram, na história da humanidade, um meio de destruição do ambiente sem igual, cabe aos estados fomentar uma política de paz, que as evite a qualquer custo, pois, hoje em dia, podem causar danos incalculáveis à natureza (JOÃO PAULO II, 1990, 10-12). Em seu discurso aos cientistas japoneses e representantes da Universidade das Nações Unidas em Hiroxima, João Paulo II lembrou o mal causado à natureza o uso da bomba atômica, em plena guerra. A bomba que havia sido criada graças às grandes descobertas da física (JOÃO PAULO II, 1981, 3).

Fica explícito que para João Paulo II o problema ecológico lança suas raízes na débil e miserável moral humana. Ele afirma enfaticamente: “A crise ecológica - uma vez mais o repito - é um problema moral!” (JOÃO PAULO II, 1990, 15).

3. BENTO XVI.

POR UMA ECOLOGIA DO HOMEM

Bento XVI já foi chamado de: “o Papa Verde”. O motivo para tal designação foi a grande dedicação ao tema da ecologia em seu magistério (KOENIG-BRICKER, 2009, p. 1-10). Em uma antologia de textos de Bento XVI, sobre a temática ecológica, a autora Maria M. Morciano reuniu cinquenta e seis textos,

onde, o atual Papa emérito abordou a temática (MILVIA, 2015, p.31). Na introdução à essa série de textos, Jean-Luis Brugués nota que, uma das chaves principais da análise de Bento XVI à questão ecológica é a sua raiz ético-humana (BRUGUÉS, 2015, p. 33-41). Em vista dos limites da presente ocasião, não é possível apresentar e analisar todos, por isso foi escolhida primordialmente a encíclica *Caritas in Veritate*, pelo peso de uma encíclica, além disso, ela apresenta as ideias centrais de Bento XVI sobre a questão.

Na *Caritas in Veritate*, Bento XVI analisa as questões do desenvolvimento humano no tempo atual, as questões da fraternidade humana, o desenvolvimento econômico e a sociedade civil. No capítulo onde aborda o desenvolvimento integral dos povos, seus direitos e deveres, direciona especial atenção ao problema ecológico, pois entende que esse está ligado às questões social e econômica. Bento XVI dá início à reflexão ecológica afirmando que, o desenvolvimento humano verdadeiro está ligado aos deveres que nascem do relacionamento entre o ser humano e o meio ambiente. Em seu discurso por ocasião do Dia Mundial da Paz no ano de dois mil e dez, Bento XVI afirmou que o homem tem a responsabilidade de zelar pela natureza em defesa dos desfavorecidos e das gerações futuras. O cristão enxerga na natureza o resultado maravilhoso da intervenção de Deus, cheia de dinâmica e equilíbrio. Quando essa noção é transformada, o homem corre o perigo de abusar dos recursos naturais (BENTO XVI, 2010, 2). Fica patente que o pontífice também valoriza o que a teologia da criação oferece para a discussão acerca dessa questão.

Para Bento XVI a teologia cristã da criação possui elementos importantes para a compreensão do homem e sua relação com a natureza (*Caritas in Veritate*, 48). Para ele quando o homem enxerga na natureza um “monte de lixo desordenado”, que precisa ser submetido pela ciência e pela técnica, abusa dela, resultando em uma relação errônea com o meio ambiente, causando desequilíbrio ecológico. Por isso, para o verdadeiro desenvolvimento humano, é necessária uma compreensão correta do papel dado por Deus ao ser humano, em sua natureza específica de criatura (*Caritas in Veritate*, 48-49). A citação abaixo representa, de forma clara, que para Bento XVI os maiores problemas ecológicos têm como causa central o ser humano.

As modalidades com que o homem trata o ambiente influem sobre as modalidades com que trata a si mesmo, e vice-versa. Isto chama a sociedade atual

a uma séria revisão do seu estilo de vida, que em muitas partes do mundo, pende para o hedonismo e o consumismo, sem olhar aos danos que daí derivam. É necessária uma real mudança de mentalidade que nos induza a adotar novos estilos de vida, nos quais a busca do verdadeiro, do belo, do bom e a comunhão com os outros homens para um crescimento comum sejam os elementos que determinem as opções dos consumos, das poupanças e dos investimentos (*Caritas in Veritate* 51).

Uma das principais questões ligadas ao desenvolvimento humano, que toca diretamente nas questões ecológicas, é o problema da energia não renovável. Bento XVI afirmou que os países mais pobres não possuem meios e recursos para acessar esses bens naturais, por isso, tornam-se cada vez mais dependentes dos países desenvolvidos. Esse quadro gera um desequilíbrio econômico que afeta diretamente o meio ambiente. O Pontífice afirma que uma das soluções para esse problema é a solidariedade entre os povos. Uma iniciativa que parte do ser humano para outro ser humano, uma atitude ética e moral. Esse exemplo pode, de acordo com o Papa Emérito, ser estendido a todos os bens naturais que o ser humano tem à disposição. Os países tecnicamente mais desenvolvidos devem ter consciência solidária e fornecer recursos que igualem o acesso, pois é direito de todos para a sobrevivência do gênero humano. Mas esse processo deve ser feito de forma regrada e consciente, sem abusos (*Caritas in Veritate* 48-50).

De igual forma, a Igreja deve conscientizar o homem da sua responsabilidade e educá-lo em sua compreensão acerca de si mesmo. Para isso é necessária “uma espécie de ecologia do homem”. Bento XVI afirma que a “degradação da natureza está estreitamente ligada à cultura que molda a convivência humana: quando a ecologia humana é respeitada dentro da sociedade, beneficia também a ecologia integral” (*Caritas in Veritate* 51). Não se trata de punir, mas “que o problema decisivo é a solidez moral da sociedade em geral” (reiteração do ponto de vista defendido por João Paulo II) (*Caritas in Veritate* 51). Dessa breve exposição dos parágrafos 48 a 52 da encíclica *Caritas in Veritate*, é possível afirmar que, para Bento XVI o homem é o principal responsável pela crise ecológica (SÁNCHEZ, 2012, p. 159-163).

As contribuições de Bento XVI à temática também estão presentes em seus discursos. Vale ressaltar dois. O primeiro deles é o do dia vinte e dois de

setembro de dois mil e onze, dirigindo-se ao parlamento alemão afirmou:

Se se considera a natureza um agregado de dados objetivos, unidos uns aos outros como causas e efeitos, então realmente dela não pode derivar qualquer indicação que seja de algum modo de caráter ético. Uma concepção positivista de natureza, que compreende a natureza de modo puramente funcional, tal como a conhecem as ciências naturais, não pode criar qualquer ponte para a ética e o direito, mas suscitar de novo respostas apenas funcionais (BENTO XVI, 2011).

Na citação acima, Bento XVI mostra como a concepção que o ser humano possui da natureza é moldada pela noção que tem de si próprio. No discurso ao clero da diocese de Bolzano, Bento XVI afirmou que caso o ser humano se compreenda como a última instância sobre a qual não há mais nenhuma, habilitado por isso, pode livremente explorar a natureza e consumir seus recursos, pelo prazer e consumismo, os resultados serão negativos. O Papa acredita que a mensagem bíblica pode fornecer a todos bases sólidas para uma “ecologia do homem”; onde a superação da crise se inicia (BENTO XVI, 2008).

Bento XVI reaviva muitos elementos da discussão deixados pelos seus predecessores. Reitera em que pontos a teologia da criação pode ajudar, para uma nova compreensão do ser humano. Essa mesma teologia é suporte para a sistematização de uma antropologia teológica cristã que conflua em uma moral e uma ética capazes de produzir uma “ecologia do homem”.

4. PAPA FRANCISCO.

UMA ABORDAGEM ECOLÓGICA ORIGINAL E INOVADORA

A maioria dos comentaristas afirmam que a *Laudato Si'* é inovadora. Nunca na história do magistério se dedicou uma encíclica exclusiva à questão ecológica; com um capítulo inteiramente dedicado à raiz humana da crise ecológica. Nesse capítulo, a chave da análise feita por Francisco é o paradigma tecnocrático, que tem moldado as ações e relações do ser humano e meio ambiente (MASIÁ, 2015, p. 23-29). Apesar de ter dedicado um capítulo inteiro à raiz humana da crise ecológica, essa realidade é facilmente verificável em toda a encíclica.

Para Francisco o crescimento tecnológico e científico dos últimos séculos proporcionou benefícios inegáveis ao o ser humano, tais como bem-estar,

conforto e segurança. Porém, o aumento do poder sobre a natureza, proporcionado aos que detêm o conhecimento e as ferramentas técnicas, revelou uma realidade inerentemente humana: o mal exercício da liberdade; segundo o Papa, um problema de natureza estritamente ética, que afeta frontalmente a moral humana (*Laudato Si'* 101-105).

O ser humano não é plenamente autônomo. A sua liberdade adoece quando se entrega às forças cegas do inconsciente, das necessidades imediatas, do egoísmo, da violência brutal. Neste sentido, ele está nu e exposto frente ao seu próprio poder que continua a crescer, sem ter os instrumentos para controlá-lo. Talvez disponha de mecanismos superficiais, mas podemos afirmar que carece de uma ética sólida, uma cultura e uma espiritualidade que lhe ponham realmente um limite e o conttenham dentro de um lúcido domínio de si (*Laudato Si'* 105-106).

Para Francisco, a chave que permite o aprofundamento da questão é o que ele chamou de “globalização do paradigma tecnocrático”. Nesse, o sujeito passa a apropriar-se da realidade e manipula-la de forma descontrolada. O homem sempre interferiu na natureza e se apropriou dela, porém, com o novo paradigma, passou-se a alterar a dinâmica da natureza na busca por transformá-la. O ser humano engana-se a si mesmo por achar que pode dispor da natureza de forma ilimitada e fazer dela o que planejar. A técnica é agressiva, transforma até mesmo as estruturas sociais. Manipular a natureza sem os recursos da técnica se tornou contra cultural. Francisco acredita que esse paradigma é capaz de reduzir “a capacidade de decisão, a liberdade mais genuína e o espaço para a criatividade alternativa dos indivíduos” (*Laudato Si'* 106-108).

Ao passo que a economia atual passa a dominar a tecnologia e os meios de produção, com vistas ao lucro cada vez maior, o meio ambiente e as sociedades sofrem os resultados mais desastrosos possíveis. O ser humano e a natureza passam a ser vistos como meios totalmente manipuláveis para chegar ao sucesso econômico. Francisco afirma que a apresentação errônea da antropologia cristã é também responsável pela má compreensão das relações entre o ser humano e a natureza. Nesse ponto Francisco está em ligação direta com seus três predecessores, todos eles alertaram sobre os equívocos de uma compreensão equivocada da teologia da criação e das interpretações do início do livro de Genesis.

Muitas vezes foi transmitido um sonho prometeico de domínio sobre o mundo, que provocou a impressão de que o cuidado da natureza fosse atividade de fracos. Mas a interpretação correta do ser humano como senhor do universo é entendê-lo no sentido de administrador responsável (*Laudato Si'* 116). O ser humano é colaborar de Deus na obra da criação, se esse elo é perdido, desmoramam-se as bases de sua existência. O paradigma tecnocrático reforça essa deficiência ideológica, pois induz o homem a negar o valor peculiar de todas as criaturas. Francisco afirma que “não há ecologia sem uma adequada antropologia” (*Laudato Si'* 118). Uma verdadeira ecologia, segundo Francisco, passa também por uma renovação das relações sociais.

Se a crise ecológica é uma expressão ou uma manifestação externa da crise ética, cultural e espiritual da modernidade, não podemos iludir-nos de sanar a nossa relação com a natureza e o meio ambiente, sem curar todas as relações humanas fundamentais (*Laudato Si'* 119). Símbolo da natureza e catalizador dos maiores debates ecológicos da atualidade, a Amazônia foi tema de um Sínodo dos Bispos. Desse evento, de fundamental importância para Igreja Católica, Francisco produziu uma exortação, onde não poderia deixar de abordar de forma abundante a temática da crise ecológica; além de muitas outras questões tratadas no documento. Semelhante à *Laudato Si'*, Francisco não deixa de refletir sobre a crise antropológica como ponto de partida e a causa principal. As ideias centrais da *Laudato Si'* são aplicadas à questão da crise ecológica enfrentada pela Amazônia, seria redundante e repetitivo analisar os detalhes do documento. A citação abaixo expressa claramente que nesse aspecto o documento está fundamentado nas contribuições do magistério precedente. O Senhor, que primeiro cuida de nós, ensina-nos a cuidar dos nossos irmãos e irmãs e do ambiente que Ele nos dá de prenda cada dia. Esta é a primeira ecologia que precisamos. Na Amazônia, compreendem-se melhor as palavras de Bento XVI, quando dizia que, “ao lado da ecologia da natureza, existe uma ecologia que podemos designar “humana”, a qual, por sua vez, requer uma “ecologia social”. E isto requer que a humanidade (...) tome consciência cada vez mais das ligações existentes entre a ecologia natural, ou seja, o respeito pela natureza, e a ecologia humana”. Esta insistência em que “tudo está interligado” vale especialmente para um território como a Amazônia.

Dessa exposição, fica claro que, para o Papa Francisco, é preciso partir do problema ético-humano para uma fundamentação das reflexões ecológicas.

Não é possível uma verdadeira cultura ecológica sem atenção necessária às questões humanas relacionadas. O problema ecológico é reflexo de um problema enfrentado pelo gênero humano. Papa Francisco não afirma que o problema é a tecnologia ou a ciência, mas sim, quem dela faz uso. Francisco não condena a ciência, nem a modernidade como um todo, apesar de criticar alguns de seus elementos.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Da exposição fica patente que o magistério papal da Igreja Católica tem sido sensível à crise ecológica, e, entende que sua principal causa está no ser humano. Não apenas os Papas, mas os documentos da Igreja mais recentes dedicam partes a essa questão, afirma Ludovico Garmus (GARMUS, 2006). Essa sensibilidade é presente no magistério papal recente, ao menos, desde Paulo VI. É possível observar que a cada sucessão papal a questão é aprofundada, permitindo à Igreja amadurecer e alargar as aplicações da sua antropologia e teologia da criação. Não é possível compreender a questão sem antes aprofundar nesses tratados, Paulo VI já apontava para tal imbricação. De igual forma a teologia moral é aprofundada, exemplo disso são as contribuições de João Paulo II, que habitualmente relacionava as suas reflexões ecológicas à moral. O Papa que trabalhou o tema de forma mais original e dedicou um espaço maior em seu pontificado foi Francisco, fortemente fundamentado nas contribuições de seus predecessores. O magistério recente da igreja, no debate dessa questão, convida os teólogos à reinterpretção e correção da teologia da criação, naquela ocorrência que fundamenta a exploração abusiva da natureza.

O problema antropológico ético-moral é uma possível chave hermenêutica para compreensão de grande parte dos enunciados ecológicos do magistério. Junto à essa relação, é possível observar outra, a necessidade de uma antropologia teológica conectada à teologia da criação. Baseado nos dados analisados e nas conclusões da presente pesquisa, pode-se afirmar que possivelmente, por meio do aprofundamento da reflexão sobre a crise ecológica, tendo como critério a fé cristã, é possível extrair dados para uma antropologia teológica. É possível ter, na temática ecológica, um instrumento heurístico para uma antropologia teológica que responda à determinadas demandas pastorais recentes. Talvez seja possível afirmar que ao invés de um aspecto humano da crise ecológica, o mais correto seria um aspecto ecológico da crise humana. A crise é humana, em primeiro lugar, não ecológica, o colapso e o clamor da criação são

reflexos transparentes da imagem que se projeta do estado real do ser humano. Um 'eco' (eco/logia) que se propaga no planeta, na natureza, no ecossistema.

BIBLIOGRAFIA

BENTO XVI. *Caritas in Veritate. Sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade*. São Paulo: Paulinas, 2009.

BENTO XVI. *Discurso por ocasião da celebração do Dia Mundial da Paz. 1 de janeiro de 2010*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_benxvi_mes_20091208_xliiiworlddaypeace.html. Acesso em: 06/04/2020.

BENTO XVI. *Discurso do Papa Bento XVI ao Parlamento Alemão. 22 de setembro de 2011*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/september/documents/hf_benxvi_spe_20110922_reichstagberlin.html. Acesso em: 06/04/2020.

BRUGUÉS, Jean-Louis. Urgencia de una ecología humana. In: MASIÁ, Clavel Juan. (Ed.). *Hacia um ecoevangelio*. El llamado ecológico de los Papas Benedicto y Francisco. Barcelona: Herder, 2015, p. 33-41.

CONGAR, Yves. *Igreja e papado: Perspectivas históricas*. São Paulo: Loyola, 1997.

FRANCISCO. *Laudato Si'. Sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO. *Querida Amazônia. Exortação Apostólica Pós-Sinodal*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papafrancesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html#_ftnref1. Acesso em: 08/04/2020.

GARMUS, Ludovico. *Ecologia nos documentos da Igreja Católica*. 2006. Disponível em: http://servicioskoinonia.org/relat/402.htm#_ftn7. Acesso em 10/04/2020.

GARCÍA, Sánchez Emílio. Fundamentación ético-antropológica. In: BLANCO, Sartro Pablo; GARCÍA, Sánchez Emílio. (Eds.). *Benedicto XVI habla sobre vida humana y ecología*. Madrid: Palabra, 2013, p. 159-184.

JOÃO XXIII. *Pacem in Terris. Carta encíclica sobre a paz de todos os povos na base da verdade, justiça, caridade e liberdade*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/johnxxiii/pt/encyclicals/documents/hf_jx-iii_enc_11041963_pacem.html. Acesso em: 06/04/2020.

JOÃO PAULO II. *Centesimus annus. Por ocasião da Rerum Novarum*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/johnpaulii/pt/encyclicals/documents/hf_jpii_enc_01051991_centesimus-annus.html. Acesso em: 06/04/1991.

JOÃO PAULO II. *Discurso aos cientistas japoneses e representantes da*

- Universidade das Nações Unidas. 25 de fevereiro de 1981.* Disponível em: http://www.vatican.va/content/johnpaulii/pt/speeches/1981/february/documents/hf_jp-ii_spe_19810225_giappone-hiroshima-scienziati-univ.pdf. Acesso em: 06/04/2020.
- JOÃO PAULO II. *Mensagem de Sua Santidade João Paulo II para a celebração do XXIII Dia Mundial da Paz. 1 de janeiro de 1990.* Disponível em: http://www.vatican.va/content/johnpaulii/pt/messages/peace/documents/hf_jpii_mes_19891208_xxiii-world-day-for-peace.html. Acesso em: 05/04/2020.
- JOÃO PAULO II. *Redemptor Hominis. Carta encíclica.* Disponível em: https://w2.vatican.va/content/johnpaulii/pt/encyclicals/documents/hf_jpii_enc_04031979_redemptor-hominis.html. Acesso em: 06/04/2020.
- JOÃO PAULO II. *Sollicitudo rei socialis. Carta encíclica por ocasião do XX aniversário da encíclica Populorum Progressio.* Disponível em: http://www.vatican.va/content/johnpaulii/pt/encyclicals/documents/hf_jpii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html. Acesso em: 06/04/2020.
- KOENIG-BRICKER, Woodeene. *Ten Commandments for the Environment.* Pope Benedict XVI speaks out for creation and justice. Indiana; AMP, 2009.
- MASIÁ, Clavel Juan. El ecoevangelio de Francisco y Benedicto. In: MASIÁ, Clavel Juan. (Ed.). *Hacia um ecoevangelio.* El llamado ecológico de los Papas Benedicto y Francisco. Barcelona: Herder, 2015, p. 13-29.
- MILVIA, Morciano Maria. Por uma ecologia del hombre. Antologia de textos. In: MASIÁ, Clavel Juan. (Ed.). *Hacia um ecoevangelio.* El llamado ecológico de los Papas Benedicto y Francisco. Barcelona: Herder, 2015, p. 43-259.
- LADRIÈRE, Jean. *A fé cristã o destino na razão.* São Leopoldo: Editora Unissinos, 2008.
- LADRIÈRE, Jean. *Ética e pensamento científico.* Abordagem filosófica da problemática bioética. Rio de Janeiro: Letras e Letras, 1945.
- PAULO VI. *Apelo aos pobres. Mensagem ao excelentíssimo senhor Kurt Waldheim, secretário geral da ONU. 4 de abril de 1974.* Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/messages/pont-messages/documents/hf_p-vi_mess_19740404_paesipoveri.html. Acesso em: 07/04/2020.
- PAULO VI. *Discurso do Papa Paulo VI à assembleia geral. 16 de novembro de 1970. Visita do Santo Padre à sede da FAO, por ocasião do XXV aniversário da instituição.* Disponível em: https://w2.vatican.va/content/paulvi/pt/speeches/1970/documents/hf_pvi_spe_19701116_xxv-istituzione-fao.html. Acesso em: 06/04/2020.
- PAULO VI. *Mensagem do Papa Paulo VI à Conferência das Nações Unidas em*

Estocolmo. 1 de junho de 1972. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/messages/pontmessages/documents/hf_pvi_mess_19720605_conferenzaambiente.html. Acesso em: 07/04/2020.

PAULO VI. *Octagesima Adveniens. Carta Encíclica por ocasião do 80º aniversário da Encíclica Rerum Novarum.* Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniens.html. Acesso em: 06/04/2020.

RÚBIO, Alfonso Garcia. *Unidade na pluralidade. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs.* São Paulo: Paulus, 2001.

VATICANO II. *Gaudium et Spes. Constituição Dogmática sobre a Igreja no mundo de hoje.* In: *Compendio Concílio Ecumênico Vaticano II. Documentos.* Brasília: Edições CNBB, 2018. p. 199-329.

VATICANO II. *Lumen Gentium. Constituição Dogmática sobre a Igreja.* In: *Compendio Concílio Ecumênico Vaticano II. Documentos.* Brasília: Edições CNBB, 2018. p. 75-174.